



Entre Imagens e Palavras: A Relação da Fotografia com a Linguagem Verbal¹

Andréa Campêlo Veras²

Universidade de Fortaleza

Resumo

No momento em que é descrita, discutida, falada, a imagem transpõe sua apresentação original e transfigura-se em uma nova linguagem: a verbal. A fotografia se expressa visualmente, precisando de palavras para se objetivar; já as palavras concretizam-se na mente humana através de imagens. Embora cada uma apresente peculiaridades formais e contedistas que as separam completamente, imagem e palavra estão intimamente conectadas: ambas são complementares, dependentes e livres entre si. O objetivo deste trabalho é esclarecer de que forma se dá o envolvimento da linguagem visual com a verbal, com base em aspectos descritivos, perceptivos e históricos.

Palavras-chave: Fotografia; linguagem; verbal; visual.

1.0 – A Fotografia como Linguagem

Em 1816, o inventor francês Joseph Nicéphore Niépce iniciou seus primeiros experimentos fotográficos, mas as imagens capturadas por ele desapareciam rapidamente. Somente em 1827 conseguiu imagens permanentes num processo que chamou de heliografia. Depois disso, Niépce conheceu Louis Jacques Mandé Daguerre, pintor que desenvolvia um projeto similar ao seu. Os dois, então, tornam-se sócios, trocam informações, mas logo Daguerre decide continuar sozinho e, aprimorando as técnicas de Niépce, inventou o daguerreótipo. O tempo de exposição para se obter a fotografia diminuiu consideravelmente de Niépce para Daguerre, de 8 horas passou a uma variação de 15 a 30 minutos. Assim, o novo método foi reconhecido pela Academia de Ciências de Paris, por isso até hoje é o mais lembrado quando se fala na origem da fotografia.

Apesar do reconhecimento, a qualidade dos primeiros daguerreótipos não era muito boa. Além do grande tempo de exposição exigido, a imagem tinha pouco contraste entre os tons. Mas o interesse na descoberta era tanto, que logo a técnica foi aprimorada. A imagem foi corrigida, ganhou mais brilho e, em 1830, Josef Petzval foi

¹ Trabalho apresentado ao Intercom, na Divisão Temática de Comunicação Audiovisual, do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

² Bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Universidade de Fortaleza .



responsável por um invento que mudou consideravelmente os rumos da fotografia. Este matemático húngaro fabricou uma lente com uma abertura de diafragma de 3.6 f, trinta vezes mais rápida que a Chevalier, usada até então. Em consequência, o tempo de exposição foi extremamente reduzido, deixando a atividade menos cansativa e mais natural. Esta inovação é tida como a responsável pela popularização da fotografia (BUSSELLE, 1979).

Logo depois, em 1840, William Henry Fox Talbot apresentou um invento fundamental para concepção de fotografia que se tem hoje. O inglês iniciou suas pesquisas em 1833 e obteve resultados apenas oito anos depois, quando apresentou o primeiro sistema de produção de um número indeterminado de cópias de uma mesma foto. Este invento representou o pontapé inicial para a percepção da imagem como um meio de comunicação (BUSSELLE, 1979).

Mas nem sempre as inovações simplificam tudo. Quanto mais recursos disponíveis, maior a exigência. Se no início os fotógrafos retratistas apenas aconselhavam os modelos a permanecerem imóveis enquanto a imagem era processada, os “instantâneos” criaram uma nova preocupação: saber o momento certo de disparar o “clic” para obter o resultado desejado. Foi nessa onda de capturar o momento certo que a fotografia chegou, em 1897, às páginas dos jornais. A primeira página do New York Tribune trazia o retrato de um senador e transformava, de vez, a fotografia num produto de massa (KUBRUSLY, 1991).

1.1 – A Fotografia e a Linguagem Verbal

Em 1930, as revistas ilustradas mostraram um mundo conhecido por poucos. Fotógrafos viviam verdadeiras aventuras em prol de imagens novas e diferentes. Os frutos desses passeios foram a matéria-prima para idealização dos ensaios fotográficos, que consistiam numa sequência de imagens de um mesmo tema, com a proposta de contar histórias sem palavras. Tentava-se criar uma “gramática visual”, com fotografias que tinham o intuito de representar, por exemplo, “vírgulas visuais”. Porém, nos anos 60, as revistas ilustradas não faziam mais sucesso, a tentativa de contar histórias substituindo imagens por palavras apenas confirmou o papel de cada uma (KUBRUSLY, 1991).

Com grande frequência, a fotografia se vale de outras linguagens, pois ela transmite sua mensagem visualmente. Contudo, de acordo com Leite (1998), essa transmissão dura pouquíssimo tempo e logo busca a complementação ou substituição



por outras linguagens. Ora, quando comenta-se ou descreve-se uma fotografia a linguagem deixa de ser visual para ser verbal. Aí reside um limite da imagem enquanto linguagem: sua propagação geralmente exige outra linguagem. Por isso, Barthes (1990) diz que é impossível descrever uma fotografia, pois descrever “não é somente ser inexato ou incompleto; é mudar de estrutura, é significar uma coisa diferente daquilo que é mostrado” (p. 14).

Tanto a linguagem visual quando a verbal têm funções de expressar, despertar e descrever. Pode-se dizer que a imagem é a melhor no quesito “despertar”, mas tem dificuldades de expressão quando reduzida a si mesma, mesmo retratando visualmente o que, aos olhos do espectador, parece tão familiar quanto a própria realidade (SAMAIN, 1998).

A fotografia toma a realidade como matéria-prima, enquanto escultores, pintores, desenhistas e até mesmo escritores têm que criar sua própria realidade. Contudo, todos eles são árbitros de seus processos. Mesmo com sua matéria-prima pronta, o fotógrafo deve moldá-la para obter o resultado desejado. Dessa forma, todos que se apóiam na realidade – pintores, escultores, desenhistas, escritores, fotógrafos – transformam e traduzem o real em seus artificios. Todos esses artistas veem e pensam a realidade à maneira de sua própria linguagem. Essas linguagens, apesar de distintas, se influenciam mutuamente para expressar, da melhor forma, sua realidade (ACHUTTI, 2004).

Antes da invenção da fotografia, essa idéia de captura do momento, de registro, já existia, mas era associada à escrita. Ela também era responsável pela transposição de uma mensagem para outro plano. Antigamente, a escrita estava relacionada à memória. A fotografia, então, surgiu como mais um instrumento da memória ativado pela mão (KRAUSS, 2002). Assim, as duas linguagens funcionam como uma extensão do corpo humano, através do deslocamento de uma expressão extremamente particular. Ambas preservam um traço, uma visão, um ponto de vista de um indivíduo.

Na fotografia de imprensa, um ponto de vista é transformado em notícia, pois o foco é a informação. Nesse caso, a fotografia não aparece isolada, pois é associada à linguagem textual através de títulos, legendas e artigos. Por representarem unidades heterogêneas, essas duas estruturas não são confundíveis; o texto é formado por palavras e a fotografia por linhas, superfícies, matizes (BARTHES, 1990). Assim, texto e imagem se complementam com o mesmo intuito: quando o texto não é suficiente a



imagem tira possíveis dúvidas e vice-versa. Entretanto, para que esta simbiose seja eficaz, é preciso considerar que também é necessário um aprendizado para a leitura de fotografias. A imagem é muitas vezes deixada de lado, pela dificuldade e ambiguidade de sua leitura, embora, segundo Leite (1998), essa ambiguidade imagética não seja diferente daquela proporcionada pela própria realidade. Tanto palavra quanto imagem possuem deformações e ambigüidades, e há muito tempo deixaram de ser vistas como instrumentos de representação imparcial da realidade.

1.2 – A Percepção nas Linguagens Visual e Verbal

De acordo com Lima (1988), para que haja uma comunicação através da escrita é necessário que:

1. o receptor saiba ler;
2. que ele conheça os caracteres;
3. que ele entenda a linguagem.

As mesmas condições podem – com algumas adaptações – ser aplicadas à fotografia. Primeiro, é preciso saber ler uma imagem, e “saber” implica a passagem por um processo de aprendizado. Todos pensam ser possível ler imagens adequadamente, sem se dar conta da necessidade de um estudo prévio. Em segundo lugar, é essencial o conhecimento do conteúdo, pois visualizar uma fotografia sem identificar os elementos que a compõem é como ler um texto sem compreender as palavras. Finalmente, o conhecimento da língua equivale, para fotografia, ao conhecimento de um meio sociocultural determinado (LIMA, 1988).

O processo de leitura de uma fotografia se dá em três passos: percepção, identificação e interpretação (LIMA, 1988). Primeiro percebe-se os elementos sem identificá-los, depois há a identificação, que pode ser ótica ou mental e, por fim, a interpretação, fase puramente mental. Leitores de um mesmo meio, apesar de geralmente identificarem os elementos de maneira similar, podem interpretar a mesma fotografia de maneiras totalmente diferentes. Lima (1988) argumenta que “é esse caráter muito individual de interpretação que torna difícil o uso da fotografia como meio de informação e de formação, na medida em que ela não é completa sozinha” (p. 22).

O exercício proveniente da percepção visual faz com que o indivíduo crie o hábito de enxergar na fotografia uma variedade de idéias e conteúdos além daqueles explicitamente apresentados. Toda imagem desencadeia uma série de significados flutuantes, cabe ao leitor decidir quais irá escolher ou ignorar (BARTHES, 1990). Além



disso, a releitura de uma imagem pela mesma pessoa também pode dar origem a uma nova interpretação, pois são vários os fatores capazes de influenciar a percepção. Segundo, Worth e Gross (1974), a percepção de um significado depende essencialmente da combinação de três elementos: do contexto da visualização, do observador e dos estímulos proporcionados.

Na maioria das vezes, fotografias produzem reações emocionais mais espontâneas que a leitura de um texto (LIMA, 1988). Isto ocorre, porque as palavras motivam imagens mentais durante seu processamento. A fotografia queima essa etapa, pois já oferece a visualização de imediato. Essa “objetividade” proporciona emoções mais intensas, pois a informação já está ali, não há a necessidade de imaginá-la.

Porém, a escrita possui um sistema de ensino institucionalizado, está intimamente ligada à educação e só não é mais ensinada que a linguagem oral (LIMA, 1988). Apesar do interesse na realização de pesquisas fotográficas ter aumentado consideravelmente, seu resultado ainda não é traduzido em narrativas visuais, mas sim num trabalho predominantemente escrito. Ainda que a fotografia esteja mais acessível, esquece-se que é necessário ter domínio sobre as técnicas e a compreensão de sua linguagem para a produção de um bom trabalho. Assim, torna-se mais complicada a produção, exposição e percepção de um trabalho onde prevaleçam as narrativas visuais. Ainda não há fluência e naturalidade pelos caminhos propostos por tais narrativas, pois o terreno permanece desconhecido.

Assim, o não aprendizado da leitura imagética aliado à sua capacidade sugestiva, faz com que uma fotografia tenha uma interpretação facilmente induzida por um texto. De acordo com Kossoy (2002), “desde sempre as imagens foram vulneráveis às alterações em seus significados em função do título que recebem, dos textos que ilustram, da forma como são paginadas...” (p. 54). A exemplo disto, o autor comenta que uma mesma fotografia pode ser empregada em situações antagônicas, diversas, ainda, do intuito para o qual foi produzida, simplesmente pela adição de legendas diferentes. A combinação da imagem com legendas ou títulos pode modificar o olhar, confirmar ou deturpar a mensagem transmitida. Nesse sentido, o objetivo da composição entre as linguagens é, de certa forma, controlar a recepção a partir de uma *ficção documental*. É importante dizer que a legenda faz parte da fotografia, que deve conter, no mínimo, o local, a data e autor (LIMA, 1988). O esperado é que a legenda faça menção apenas aos dados realmente ligados à fotografia, participando de sua denotação, não de sua conotação (BARTHES, 1990).

1.3 – A Realidade de cada Linguagem

É comum a comparação da linguagem fotográfica com a verbal, todos já ouviram a tão conhecida frase “uma imagem vale mais que mil palavras”. Contudo, os processos suscitados por estes diferentes meios de comunicação vão além de pequenas variações, pois são singulares (SAMAIN, 1998). Cada um tem seu modo particular de apreensão do mundo, com especificidades e especialidades. Assim, em muitas situações, a mensagem visual é melhor que a verbal e vice-versa. A respeito disso Kubrusly (1991) diz :

quando se quis substituir uma pela outra, ficou patente que elas eram linguagens complementares, e não equivalentes. Há imagens que não podem ser substituídas nem por um milhão de palavras, da mesma forma que elas não podem substituir a informação verbal. Elas nos atingem por caminhos diferentes e exatamente por isto se completam tão bem. (KUBRUSLY, 1991: 77)

A poesia é o gênero cujas características mais se aproximam da fotografia. As duas são metafóricas e simbólicas, e exigem de seu leitor um certo interesse pelo tema, pois requerem afetividade e apreço. Dessa forma, a sensibilidade do espectador é essencial em ambas. De acordo com a mitologia grega, a Memória – mãe de todas as musas – estava ligada essencialmente à poesia, que elaborava suas metáforas de acordo com inspirações visuais. Se a fotografia está, então, intimamente relacionada à memória, “a Musa da fotografia não é a filha da Memória é a própria *démarche*³ da memória” (ACHUTTI, 2004, p. 110).

Essa necessidade de comparar as duas linguagens tem relação com o sentido narrativo atribuído às imagens. As histórias, antes transmitidas apenas por palavras, passaram a ter o auxílio das imagens, o que representou uma mudança significativa na apreensão de diversas noções, idéias e no próprio modo de pensar. Por isso, “palavras suscitam imagens, que suscitam imagens, que suscitam imagens...”. Segundo Nova (2003):

quase todos os atos de nossas mentes são acompanhados da criação ou recordação de imagens, originalmente externas ou não. A vida e o mundo são percebidos como imagens. A Terra, os rios, o mar, os objetos e mesmo noções mais abstratas encontram-se direta ou associativamente ligadas a imagens na

³ Modo de andar; atitude; comportamento; procedimento (Dicionário Michaelis Francês-Português versão online).

mente dos seres humanos. Mesmo ao lermos um livro ou ao escutarmos uma fala, nossos pensamentos conduzem-nos a imagens. (NOVA, 2003: 183)

Assim como as imagens são logo verbalizadas através de palavras, as palavras também são visualizadas através de imagens. Dessa forma, a imagem ilustra o texto, o texto ilustra a imagem e ambos complementam-se de acordo com cada situação. Trata-se de um movimento que oscila entre dois objetos distintos (uma imagem e uma palavra), mas que não permanece nessa alternância, dando origem a uma série de novos objetos advindos destes iniciais.

Contudo, por falar visualmente, a imagem encerra-se em si mesma, o que é menos compreensível numa cultura que não alfabetizada visualmente. Embora a linguagem verbal seja mais esclarecedora, é preciso lembrar que seus esclarecimentos são seletivos (BARTHES, 1990). A informação verbal guia o espectador para que ele absorva alguns significados e ignore outros.

As fotojornalísticas são aquelas que, dentre todos os gêneros, mais precisam transmitir uma informação. O papel que deve ser desempenhado por uma boa imagem jornalística não é o de complemento do texto, mas de transmissão de uma informação em sua própria linguagem, dentro de seus limites e peculiaridades (LIMA, 1988). Mesmo esse tipo de fotografia não é páreo para as possibilidades de representações verbais (VERAS, 2008). A quantidade de informações que as palavras são capazes de fornecer é superior àquele fornecido somente por imagens. Mas certamente, isso torna-se ainda mais díspar pelo não incentivo ao aprendizado da leitura de fotografias. Mesmo fazendo parte de uma sociedade eminentemente imagética, os indivíduos não estão suficientemente familiarizados com a leitura de imagens. O aprendizado está diretamente relacionado à escrita, tanto que toma-se por alfabetizado aquele que sabe ler e escrever palavras.

De acordo com a pesquisa comparativa realizada por Veras (2008), uma imagem desconhecida se torna conhecida através das palavras, pois mesmo quando um fato toma corpo através de uma fotografia, é o volume de informações proporcionado pelas palavras que dá autenticidade ao fato. As pessoas veem a fotografia, mas não a compreendem por si só, apesar das tentativas. Elas querem sempre saber mais: o que é, quem foi, como foi, quando foi e etc. Normalmente, nem todas essas perguntas são respondidas só com imagens. As respostas, verdadeiras ou não, são dadas em maior quantidade pelo texto. Por outro lado, a fotografia também é capaz de responder a



questões que vão além do texto. Assim, o que é dito sobre as duas linguagens funciona nesse recorrente balanço de privilégios, no intuito de evidenciar que o movimento de cada uma está de acordo com seu próprio universo.

2.0 – Concluindo

A imagem é uma forma pensante. Por isso tantos estudos, encontros, livros e pesquisas sobre o tema. Essa misteriosa linguagem dialoga com os indivíduos de diversas maneiras. Muitos possuem, analisam, estudam e tomam para si o caráter experimental proporcionado pela mera visualização. Assim, as imagens vão se confundindo com a própria realidade.

A fotografia é presença, é lembrança; parece viva, mas retrata o que já não existe mais. Ela aprisiona um momento. Com isso, preserva uma história e estimula várias outras. Mostra o familiar para alguns e desvenda o desconhecido para outros. Expõe fatos, pontos de vista e até o invisível. É por representar tanto para tantos, que a fotografia é polissêmica. A mesma fotografia pode despertar uma interpretação diferente em cada pessoa que a vê. São vários sentidos provenientes de um só: a visão. A mensagem de uma imagem está nela mesma, está em quem a observa e está no contexto espaço-temporal em que ela está inserida.

Ela diz muito, sem palavras. Mas com as palavras adequadas, pode dizer mais ainda. A fotografia transmite uma informação visual e, a partir dela pode-se imaginar várias hipóteses para explicá-la. Verdade que, às vezes, o intuito não é esse, pelo contrário. Mas quando se trata de uma foto-notícia, por exemplo, dificilmente é possível compreendê-la fora de uma contextualização mínima. Porém, tanto a contextualização quanto as hipóteses formuladas em decorrência da visualização, já correspondem a outra linguagem: a verbal. Essa linha que separa esses dois momentos do processo é tão tênue que os observadores nem sequer se dão conta dessa transposição de linguagens, pois a percepção e o que provém dela ocorrem tão rapidamente que é difícil separá-las. Por isso as palavras fazem, literalmente, parte da fotografia: a legenda é uma informação básica que integra a imagem.

A linguagem verbal usada cotidianamente tem regras mais fáceis de serem lidas, enquanto que as fotografias vistas por aí todos os dias dispõem de regras conhecidas por poucos. A fotografia é um espaço-tempo único e se encerra dentro de seus próprios limites; a mensagem contida nela não fornece “informações adicionais”. O discurso da imagem é aquele próprio que ela apresenta.



Contudo, por meio de uma linguagem sempre se poderá chegar a outra: imagens suscitam palavras e palavras suscitam imagens. As duas têm o mesmo propósito, o de transmitir uma mensagem, uma informação. Embora cada uma se desenvolva e atinja esse objetivo de uma maneira diferente. Tanto uma quanto outra, enquanto meios de expressão e representação, guardam algumas características que as colocam juntas e separadas: a *independência*, pois uma existe sem a outra e pode cumprir seu papel mesmo sozinha; se contrapondo, a *interdependência*, quando uma necessita da outra pra se objetivar por inteiro; que, por sua vez, se sobrepõe a *complementaridade*, quando uma se explicita melhor ou com mais facilidade com o auxílio da outra; e a *espontaneidade* ou *automação*, quando a existência de uma provoca o nascimento da outra.

A aparência, estática (no caso da imagem) e efêmera (no caso da palavra), se contradiz com a enorme capacidade de despertar pensamentos, emoções, sentimentos e até mesmo outras imagens e palavras. E se uma se propõe a ser a imagem ou o som da outra, ambas usufruem da possibilidade de propagar a memória emocional, histórica, científica, filosófica, artística e os pensamentos da humanidade.

As duas linguagens são polissêmicas e guardam tantos mistérios quanto a própria realidade que procuram revelar. E, apesar de caminharem juntas, são completamente diferentes. Substituir uma pela outra é tarefa impossível. É preciso considerar e respeitar os limites e peculiaridades de cada uma. Por isso mesmo é tão difícil comparar expressão fotográfica e verbal, pois cada uma tem suas nuances e uma é sempre mais adequada que a outra de acordo com cada situação.

Referências bibliográficas

ACHUTTI, L. E. R. **Fotoetnografia da biblioteca jardim**. Porto Alegre: Editora da UFRGS / Tomo Editorial, 2004. 319p.

BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, 284p.

BUSSELLE, M. **Tudo sobre fotografia**. São Paulo: Pioneira, 1979. 223p.

KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. 149p.



KRAUSS, R. **O fotográfico**. Barcelona: Gustavo Gili, 2002. 239p.

KUBRUSLY, C. A. **O que é fotografia**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. 109p.

LEITE, M. L. M. Texto visual e texto verbal. In: FELDMAN-BIANCO, B.; LEITE, M. L. M. (orgs.). **Desafios da imagem**. Campinas: Papyrus, 1998. 319p.

LIMA, I. **A fotografia é a sua linguagem**. 2. ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988. 120p. 320p.

NOVA, C. Imagem e educação: rastreando possibilidades. In: NOVA, C. (Orgs.). **Educação e tecnologia: trilhando caminhos**. Salvador: Editora da UNEB, 2003. p. 180-196.

SAMAIN, E. Questões heurísticas em torno do uso das imagens nas ciências sociais. In: FELDMAN-BIANCO, B.; LEITE, M. L. M. (orgs.). **Desafios da imagem**. Campinas: Papyrus, 1998. 319p.

VERAS, A. **Fotografia e Realidade**: uma pesquisa comparativa sobre a percepção de fatos nas linguagens oral e fotográfica. Dissertação (Graduação) – Faculdade de Comunicação social, Universidade de Fortaleza. Ceará, 2008, 48p.

WORTH, S.; GROSS, L. Symbolic strategies. **Journal of Communication**, v. 24, n. 4, 27–39, 1974.